

RESENHA:

TEMPELS, R. P. Placide. **Filosofia Bantu**. Tradução de Amélia A. Mingas e Zavoni Ntongo. Luanda (Angola): Edições de Angola, Faculdade de Letras da UAN, 2016 (137 p.).

Filosofar-vivendo: a cultura Bantu no centro do debate filosófico

MAURÍCIO DE NOVAIS REIS*

Publicado pela primeira vez em 1945, pela Revista *Présence Africaine*, o livro *La Philosophie Bantoue* vem desde então servindo de base para todos aqueles que buscam investigar sobre a existência ou não de uma filosofia africana. Desde sua primeira edição, suscita debates acalorados em consequência de seu teor controverso que divide opiniões. Se por um lado há quem defenda que A Filosofia Bantu expressa uma ontologia filosófica original dos africanos, por outro lado, estudiosos, inclusive africanos, o têm classificado como um “trabalho de etnologia com pretensão filosófica¹”. O autor aborda, de maneira concisa e didática, o pensamento dos bantu dentro de três áreas fundamentais: Ontologia, Psicologia e Ética, formulando um sistema de pensamento bantu dentro de uma perspectiva filosófica.

Constituído de sete capítulos, este livro reúne as análises de um missionário franciscano belga no Congo, no período empreendido pela missão civilizadora do colonialismo europeu no continente africano. Tempels demonstra haver uma racionalidade ontológica no pensamento dos “primitivos” bantu, que determina o seu comportamento pessoal, social e religioso. Essa racionalidade, segundo Tempels, gira em torno do conceito de

força vital.

Para os bantu, todos os seres do universo possuem a sua força vital própria, sendo alguns classificados como força vital superior (Deus, os seres humanos), enquanto que outros são classificados como força vital inferior (animais, plantas, etc.). Portanto a ontologia bantu sustenta-se na noção do ser enquanto força vital. Assim, qualquer ação engendrada por uma força vital, principalmente as superiores, podem acarretar transformações no completo conjunto da comunidade bantu, porquanto a própria comunidade apresenta-se como um conjunto harmonioso de forças vitais que interagem sistematicamente.

Na psicologia bantu, o “muntu” (ou pessoa) é uma força viva, pessoal, que é uma causa ativa e exerce influência vital sobre as demais forças. Nesta perspectiva, para o negro bantu, o ser é força suscetível de crescimento ou de esvanecimento, que exerce influência direta sobre outras forças, porque está intrinsecamente engajado na vida da comunidade. Essa influência pode ser boa ou má, reforçadora da força vital ou destruidora da força vital, de acordo com a vontade consciente ou inconsciente do muntu. Há, desta forma, adicionalmente, uma discussão



levantada pelo autor acerca da ética bantu, quando revela o pensamento bantu no que concerne à moral e à justiça, bem como aos métodos de reparação de danos provocados por uma força vital sobre outras forças vitais.

A controvérsia encontra-se ancorada exatamente no debate acerca da existência ou não-existência de uma filosofia original negro-africana a partir das observações do missionário belga. No âmbito das discussões sobre a filosofia africana, alguns autores² classificam como etnofilosofia essa categoria ontológica que brota “da literatura antropológica pertencente às culturas tradicionais do continente”. Outros autores³ argumentam que o livro *A Filosofia Bantu* se trata de uma “filosofia implícita” e que Tempels revela seu sistema organizado de

crenças e costumes na medida em que os próprios bantu não conseguem formular um tratado filosófico com o vocabulário adequado. Para esses analistas, a não existência de um tratado filosófico não invalida a filosoficidade do pensamento de determinado indivíduo ou grupo.

Caberá ao leitor, portanto, avaliar até que ponto o pensamento bantu corresponde ao critério de filosoficidade necessário para ser classificado como filosofia propriamente dita. Independentemente de qual seja a conclusão, não se pode objetar o valor epistemológico da obra.

*Recebido em 2018-06-03
Publicado em 2018-09-18*



* **MAURÍCIO DE NOVAIS REIS** é mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFSB.

¹ NGOENHA, Severino Elias. *Filosofia Africana: das independências às liberdades*. Maputo (Moçambique): Edições Paulinas, 1993.

² MAKUMBA, Maurice M. [2007]. *Uma introdução à filosofia africana: passado e presente*. Maputo (Moçambique): Editora Paulinas, 2016.

³ MUDIMBE, V. Y. *A Invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Lisboa: Edições Pedagogo, Edições Mulemba, 2013.